

DA NECESSIDADE DE OS PROFESSORES ESCREVEREM TEXTOS PARA USO DE SEUS ALUNOS

Antônio Jayro da Fonseca Motta Fagundes ¹

Reflexão necessária

Ao encaminhar para publicação na Revista Educação o texto sobre “Cuidados para a formulação dos objetivos de pesquisa”, - que saiu na edição anterior- não passou pela cabeça do autor que ele fosse seminal ou modelar. Mas é um produto que ilustra um modo particular de encarar a produção de textos didáticos. É exatamente sobre isso que ele gostaria, antes de mais nada, de propor uma reflexão, que julga ser extremamente importante, aos colegas professores que estão na ativa, principalmente os que militam no ensino superior.

O texto “Cuidados para a formulação...” é um exemplo concreto do que está sendo refletido aqui. Trata-se de um material didático, escrito para uso de universitários, de modo a ajudá-los a atingir as metas de uma particular disciplina ministrada pelo professor-autor. Não é um texto meramente teórico, pois vem acompanhado de exercícios práticos, destinados a treinar o aluno a formular objetivos de trabalhos de pesquisa.

O Autor acredita que a publicação desse tipo de material deva ser incrementada na Universidade Guarulhos (e em qualquer outra Instituição de Ensino Superior) e que a Revista Educação poderia ser seu veículo normal de divulgação. Ao modo de outros periódicos que dispõem de uma seção, que vez ou outra aparece, para “artigos de cunho didático”, destinados a uso de iniciantes, incentivando-os, desde cedo, a recorrer a periódicos científicos e não, como acontece o mais das vezes, a tirar xerox de texto preparado por professor seu. A título de exemplo, lembro que a antiga revista “Psicologia”, fundada e dirigida anos a fio pelas doutoras Carolina M. Bori e Maria Amélia Matos, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, dispunha de seção assim, que veiculou excelentes artigos didáticos, sobre temas variados, que colaboraram para a formação do alunado que deles fez uso. Um modo de ver a produção de textos didáticos

UM MODO DE VER A PRODUÇÃO DE TEXTOS DIDÁTICOS

A reflexão que o autor se propõe a fazer é a de que todo professor, que se encontra na ativa, principalmente o de ensino superior, deveria produzir ao menos parte dos textos que recomenda que seus alunos leiam.

Ao se propor a produzir textos, todo professor não tem de se perguntar se seria ele a pessoa mais indicada para fazê-lo. Se aceitou lecionar determinada matéria e a está ministrando, é certamente porque entende dela. E conhece, como ninguém, as dificuldades dos seus alunos. Quem mais, então, pode ser melhor do que ele para desinibir-se desse mister? Com uma

vantagem adicional, que só o professor-autor, que está na ativa, pode ter: cada vez que usa o seu texto com os alunos, pode verificar os pontos altos e as deficiências do que escreveu, em função do feedback que o resultado alcançado lhe permite avaliar, bem como das observações e comentários que os próprios alunos, espontaneamente ou estimulados por ele, venham a fazer. Quem mais, então, pode ser melhor do que ele para desincumbir-se desse mister?

Esse autor costumeiramente produz textos para servir de apoio às suas aulas e os refaz a cada utilização. Publicou um livro sobre observação comportamental (FAGUNDES, 1981/2006, atualmente na 14^a edição) que exemplifica bem essa sua “filosofia”. Queria ensinar alunos de Psicologia a observar compor-

¹ Mestre e Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Professor Titular da UnG.

tamentos, mas nada existia escrito em português sobre o assunto. Então, aos poucos foi redigindo textos, que viraram uma apostila (34 folhas mimeografadas, em 1976), que foi ampliada no semestre seguinte e, finalmente transformada um livro com 188 páginas até o momento. Encontra-se adotado em muitas Instituições de Ensino Superior, por preencher uma lacuna na área.

Quantas áreas não estão à espera de que outros profissionais do magistério tenham a simplicidade de dizer, após mirar-se em algum espelho da verdade: “Sim, eu não sou nenhum Shakespeare, Freud, Rogers, ou figurão carimbado, mas sou alfabetizado, sei escrever, medianamente que seja, tenho objetivos a atingir em minhas aulas que os textos disponíveis não contemplam. Preciso instrumentar o meu aluno para atingir plenamente o que programei. Tenho que redigir um texto e vou fazê-lo neste semestre!”

DOIS EXEMPLOS

Para não ficar só no exemplo próprio, poder-se-ia citar dois casos de professores-autores, de 3ª Grau. “Aprendendo a observar”, da professora Marilda Fernandes Danna e de sua orientadora, Maria Amélia Matos (DANNA; MATOS, 1982) e “Metodologia: o caminho da ciência”, do professor Fermينو Bedin (BEDIN, 2007). Tanto Marilda como Bedin, enquanto na ativa, e exatamente para subsidiar o trabalho de seus alunos, produziram e foram, utilização após utilização, alterando e ampliando o seu material para subsidiar as suas aulas, até o ponto de os textos ficarem prontos para publicação direcionada a um público mais amplo. Marilda, inclusive, refez completamente a obra original, e tanto, que a tornou um novo livro, que ganhou outro nome: “Aprendendo a observar” (DANNA; MATOS, 2006).

No “Prefácio” de Bedin (2007), elogia-se a decisão de Fermينو em transformar em livro suas anotações de aula:

É louvável o seu esforço em publicar os seus ensinamentos, constituindo-se em poderoso recurso para que os alunos acompanhem suas aulas com proveito máximo. E tanto mais louvável quanto é rara uma tal iniciativa entre os professores, visto que a maioria se contenta em fazer uso de textos de um ou mais autores, ao invés de preparar o seu próprio material, que permita suplantiar as dificuldades particulares com as quais se defrontam seus alunos e sirva cabal e plenamente para a aquisição das específicas competência e habilidades requeridas pelos objetivos da disciplina que leciona.

[...] Que seu exemplo anime aos demais professores a trilharem o mesmo caminho, aventurando-se todos a anotar, a cada semestre, os seus planos de aula, sua experiências bem sucedidas, as principais dúvidas e dificuldades surgidas, preparando ora um texto, ora outro, para que um dia tenham material suficiente para fazer uma publicação que atenda plenamente aos objetivos de suas disciplinas. Talvez inicialmente uma apostila, depois melhorada e tornada livro. Se forem esperar ter tempo e tranqüilidade suficientes para escrever um livro de uma só vez, aí, sim, jamais publicarão. E o fato de ir fazendo e usando com os alunos, um texto que seja por vez, permitirá que tudo seja testado, garantindo aprovação total para o texto final resultante. (FAGUNDES, 2007, p. 15-16).

O livro de Danna e Matos (2006) é exemplo eloquente da produção de textos universitários, pois a própria atividade de programar o curso para a consecução de seus objetivos foi o objeto da dissertação de mestrado da primeira autora, sob a orientação da segunda e a produção do material do livro foi o seu elemento principal. Salienta-se esse aspecto para frisar que a produção de textos didáticos pode, ele mesma, constituir-se no elemento principal de uma dissertação acadêmica.

Na “Apresentação” da primeira edição do texto da Marilda, Rachel Rodrigues Kerbauy saudou a produção daquele livro como “modelo de uma maneira de produzir material relevante, decorrente do trabalho em

cursos” (KERBAUY, 1982, p. 19). O livro, todo ele, foi feito para que Marilda ministrasse o seu curso de observação na Universidade Metodista, em São Caetano do Sul. Rachel fez, também, importante consideração, acentuando que produzir e testar os próprios textos dá um novo significado ao magistério:

Ensinar passará a ser uma maneira de o professor produzir material que será avaliado por seus próprios alunos, podendo atingir mais adequadamente o estudante e propiciar ao professor novos reforçadores para seu desempenho. A educação começará a ter o lugar que merece. A sala de aula será o laboratório e a função do professor, como transmissor de saber e de cultura, poderá ter a dignidade [que foi] perdida. (KERBAUY, 1982, p. 19, inserção nossa).

É exatamente isso que a presente reflexão pretende: mostrar a todo professor universitário, na ativa, que deve se dedicar a preparar textos que garantam o pleno atendimento dos objetivos das disciplinas que ministra. A razão principal para fazê-lo é que só o professor pode perceber, no diuturno contato com os usuários de seus textos, os termos bem empregados neles, mas que não mais fazem parte do vocabulário corrente dos alunos e necessitam ser substituídos; só ele, porque pode trocar idéias com os alunos, tem condição de constatar as dificuldades deles com os textos e avaliar a real adequação dos textos para instrumentar a plena consecução dos objetivos propostos.

Fazer isso é transformar a sala de aula em “um laboratório”, como salientado por Kerbauy (1982, p. 19). Laboratório onde o professor, semestre após semestre, experimenta o texto que é mais eficiente para produzir os melhores resultados com os seus alunos e o aperfeiçoa para o próximo semestre. Com isso, as competências e habilidades visadas em sua disciplina mais fácil e rapidamente serão adquiridas pelos seus alunos.

PROFESSOR NECESSITA SER AUTOR

Um dos fortes indicadores da qualificação do corpo docente de uma instituição, bastante valorizado

pelas Comissões Verificadoras do MEC – Ministério da Educação e Cultura, é a sua capacidade de produzir literatura. No dia 7 de novembro de 2007, a PUC-SP veiculou anúncio de página inteira nos principais jornais da capital paulista, para atrair candidatos a seus vestibulares, onde se destacava bem a informação de que ela é instituição de peso, pelo bom conceito que lhe foi atribuído pelo MEC e, entre outras coisas, por ter “20.000 livros produzidos pelo corpo docente”. Sim, 20.000 livros publicados pelos professores da PUC-SP! Quanto a UnG (e qualquer Instituição de Ensino Superior, que se pretenda séria e respeitável) poderia alardear? Falta qualificação a seu quadro docente ou faltaria motivação e estímulo?

Postula o autor que todo professor universitário deva, fixados os objetivos de sua disciplina, encontrar e/ou criar o melhor material com os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Isso porque um curso não pode ser montado em função da literatura existente, mas dos comportamentos-alvo que se pretenda que o profissional seja capaz de executar em sua carreira, das competências e habilidades que ele terá que desempenhar quando formado. Nem sempre é possível ter disponível material exatamente do jeito que se quer. E nem é recomendável que se peça ao alunado para adquirir meia dúzia de livros por disciplina, pelo custo que acarretaria e já que o xérox também não é permitido. Além do mais, a experiência confirma que pedir muito é desestimulá-lo por completo.

A saída é cada professor universitário escrever e publicar o seu próprio material. Não de uma vez, que nem sempre se dispõe de tempo suficiente e calma para isso, mas paulatinamente: um capítulo agora, outro no próximo semestre, uma apostila mais completa pouco depois e, finalmente, um livro novo na praça.

Uma dica interessante para viabilizar a publicação de livros. Já que uma edição normal de qualquer obra é empreendimento oneroso, por serem necessárias tiragens altas para viabilizar o custo unitário é buscar recursos que se dispõem atualmente, como os oferecidos pela informática. Existem editoras que trabalham com o sistema de “edições sob demanda”. Elas preparam os originais e os armazenam num sis-

tema virtual, publicando apenas 50 a 100 exemplares numa primeira edição, outro tanto no próximo semestre, antes do que, pela experiência em sala de aula e leitura crítica de colegas, se faria uma boa revisão nos originais armazenados, até se ter o material desejável para uma edição maior.

Com isso, o professor consegue atingir cabal e maximamente seus objetivos, tem o seu *status* aumentado perante o alunado (muitos dos quais exigem que seu livro seja autografado...), acrescenta pontos ao seu currículo e ainda colabora com os colegas que ministram a mesma disciplina, para que preparem suas aulas e, quem sabe, tenham inspiração para mais tarde eles mesmos, prepararem seus textos.

Será que o autor conseguiu motivar algum dos seus colegas-professores que militam nas universidades?

Críticas e sugestões a respeito da presente reflexão e de “Cuidados para a formulação dos objetivos de pesquisa” serão bem-vindas. Podem ser encaminhadas para: profjayro@profjayro.com.br.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BEDIN, Fermino. *Metodologia: o caminho da ciência*. Edicon, S. Paulo: 2006.

DANNA, Marilda Fernandes; MATOS, Maria Amélia. *Ensinando observação: uma introdução*. Edicon, S. Paulo: 1982.

_____. _____. *Aprendendo a observar*. Edicon, S. Paulo: 2006. (Trata-se de reformulação abrangente da obra anterior, de 1982, e que a substituiu.)

FAGUNDES, Antônio Jayro da Fonseca Motta Fagundes. *Descrição, definição e registro de comportamento*. Edicon, S. Paulo: 2006.

_____. Antônio Jayro da Fonseca Motta Fagundes. Prefácio. In: BEDIN, Fermino. *Metodologia: o caminho da ciência*. Edicon, S. Paulo: 2007.

KERBAUY, Rachel Rodrigues. In: DANNA, Marilda Fernandes; MATOS, Maria Amélia. *Ensinando observação: uma introdução*. Edicon, S. Paulo: 1982.